



GABRIELI ZAMBIASI

**Hernández e Braun: poesia gauchesca sem fronteiras**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFES, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:  
22/11/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFES)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Neiva Maria M. Graziadei (UFES)

Prof.<sup>a</sup> Dra. Angela Luiza Garay Flain (UFES)

# *Hernández e Braun: poesia gauchesca sem fronteiras*<sup>1</sup>

Gabrieli Zambiasi<sup>2</sup>

gabrieli1904@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo analisar e compreender a formação identitária dos gaúchos e *gauchos* presentes em alguns textos da poesia gauchesca da região pampiana. Para embasar a pesquisa serão analisadas obras da literatura da Argentina e do Brasil, dando prioridade a *Martín Fierro* de José Hernández e *Brasil Grande do Sul* de Jayme Caetano Braun. O *Martín Fierro*, considerado o poema nacional dos argentinos, é composto por duas partes, denominadas de *La ida* (1872) e *La vuelta* (1879) e seu protagonista é entendido como um modelo de argentinidade e símbolo da identidade nacional do país. Já *Brasil Grande do Sul* (1986) é um livro de Jayme Caetano Braun, um dos poetas mais influentes do Rio Grande do Sul, e trata sobre uma viagem pelas terras do pampa, uma verdadeira declaração afetiva ao estado gaúcho em que o *payador* viveu. Obras críticas de relevância auxiliarão na pesquisa, destacando-se os estudos de Carlos Reverbel (1986) e Pedro Luís Barcia (2001). A análise dos textos será realizada desde uma perspectiva histórico-literária, pois se entende que ambas as áreas, a da ficção e a da investigação, podem auxiliar no entendimento dos elementos e dos processos que conformam a identidade dos habitantes dos pampas, entendido como região que abarca grandes territórios tanto do Brasil, como da Argentina e do Uruguai. Por fim, pretende-se observar, através da análise das obras, se as figuras de gaúchos e *gauchos* possuem um padrão similar de construção e um resultado aproximado, independentemente das fronteiras geográficas que os separam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gaúcho; Pampa; Literatura gauchesca; Identidade.

## INTRODUÇÃO

Entendemos por gaúcho ou *gaucho* o habitante das terras do pampa que abriga uma grande parte do estado do Rio Grande do Sul (Brasil), a Argentina e o Uruguai. Entre as diversas teorias criadas para justificar a origem do nome *gaucho*, a mais aceita vem da colonização dos espanhóis nas terras rio-platenses apresentada por Reverbel (1986). Denominar o habitante dos pampas não foi tarefa fácil para os colonizadores, Altamirano e Sarlo (2001, p. 20) dizem que a palavra é um conjunto de variações semânticas, ideológicas e literárias, isso porque apesar da origem incerta, o nome passou por modificações ao longo do tempo, sendo chamado cronologicamente pelos seguintes

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro.

<sup>2</sup> Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

nomes: *uákcha*, *uájcha*, *guacho*, *guaicho* até finalmente chegar ao nome *gaucho* e gaúcho. Apesar dos estudos, Corominas (1961, p.138), diz que “o que verdadeiramente interessa não é a etimologia da palavra, mas o gaúcho como expressão social, cultural e histórica” elementos que veremos em breve nesse artigo.

Em um período de muito alvoroço político devido às guerras e revoluções, a literatura gauchesca surgiu como uma maneira de retratar o cenário da época e contar sobre a história de um ser que até então, era marginalizado e mal visto pela sociedade. No entanto, com o passar dos anos essa visão pejorativa que se tinha sobre a figura do gaúcho foi cristalizando-se em um nome gentílico, que nomeia homens bravos e valentes, aquele que mais tarde se tornará o monarca das coxilhas.

Martín Fierro, o *gaucho* retratado na obra de José Hernández, ganhou destaque em todo o país e se tornou símbolo da identidade nacional. O *gaucho*, porém, nunca escreveu sobre si, não nos contou como se via, o que queria ou como era a vida no pampa, o que sabemos hoje sobre esse ser vem da escrita de senhores e poetas cultos que se apropriaram de sua figura marcante para contar histórias.

A construção do mito do gaúcho e de sua imagem como símbolo da identidade nacional de um país vizinho ao nosso, fez com que a região sul do Brasil sofresse influencia desse movimento. Carente de literaturas na época, nossa região abraçou a literatura gauchesca e junto com os *hermanos* histórias sobre os habitantes do pampa foram contadas. As histórias perpassaram as páginas dos livros e formaram movimentos para perpetuar a história desse povo. No entanto, o gaúcho só foi distanciado dos conceitos pejorativos no final do século XIX, quando passou a ser visto como o *monarca das coxilhas* no meio literário, uma mistura de mito com realidade (CHAVES, 2001).

Nos primórdios da colonização da América Latina, quando a pampa era uma só e não havia barreiras, cercas de arrames e fronteiras geográficas, os *gauchos* eram livres e espalhavam-se pelas terras da campanha gaúcha. Com a colonização, cercas e fronteiras começaram a ser definidas e os *gauchos* foram separados por divisas geográficas. Nesse estudo trataremos do *gaucho* com um só ser que compartilha com as três bandeiras sua história, seu modo de vida, suas tradições e seu caráter.

Sendo assim, pretendemos analisar como os poemas rio-platenses e rio-grandenses retratam a construção identitária de gaúchos e *gauchos* da região pampiana apesar das fronteiras que lhe foram impostas. Dentre as obras a serem estudadas estão *Martín Fierro*

de José Hernández (*El gaucho Martín Fierro* em 1872 e *La vuelta del gaucho Martín Fierro*, em 1879) e *Brasil Grande do Sul* de Jayme Caetano Braun (1986). As obras foram escolhidas devidas sua importância histórico-cultural na literatura gauchesca.

A partir da análise destas obras literárias rio-grandenses e rio-platenses pretendemos analisar como a literatura gauchesca colabora para a construção identitária desses personagens e se o mito do gaúcho passou por modificações eminentemente literárias ao longo dos anos desde a escrita de *Martín Fierro* em 1872-1879 até *Brasil Grande do Sul* em 1986, comprovando esta análise com fragmentos das duas obras.

A literatura gauchesca, embora não tenha sido escrita pelos próprios *gauchos*, e sim por senhores e escritores cultos da época tornou-se instrumento essencial para contar sobre a vida desses habitantes do pampa, seus costumes, seu jeito de viver e de pensar. Junto com a vinda da literatura para a região Sul do Brasil, vieram também questões políticas, histórico-sociais e culturais que influenciaram e influenciam até os dias de hoje nosso modo de vida, a forma como vemos a literatura gauchesca e os reflexos dela em nossa sociedade.

A Universidade Federal da Fronteira Sul se encontra na região Sul do Brasil, com *campus*, inclusive, no estado do Rio Grande do Sul e faz divisa com países hispanofalantes, Argentina e Uruguai, precursores na literatura gauchesca. Por considerar também que no curso de Letras – Português e Espanhol da UFFS os alunos tem contato com a literatura gauchesca e com a literatura da região sul do Brasil, um estudo mais aprofundando sobre esse ponto pode gerar uma mudança na visão e na relação dos estudantes com essa literatura que hoje é tão presente na nossa sociedade e se difunde em forma de cultura.

O estudo de *Martín Fierro* na disciplina de Literatura Hispânica III também foi responsável por despertar o interesse em pesquisar ainda mais sobre a história dos *gauchos*, visto que essa obra de José Hernández consagrou o gênero gauchesco e contribuiu significativamente para a construção do *gaucho* como símbolo da identidade nacional.

Além da importância histórica-social que a literatura gauchesca e a construção identitária do *gaucho* possui para a região, existe também a motivação pessoal da autora, que sempre esteve ligada aos movimentos tradicionalistas e em especial, a poesia gauchesca de Jayme Caetano Braun, poeta abordado nesse estudo.

## 1. A ORIGEM DO GAUCHO

Apesar de tantos estudos e teorias na área, não há um consenso entre etimologistas para entender a origem da palavra *gaúcho*. Dessa maneira, tudo que podemos afirmar é que “etimologicamente, o gaúcho é de origem totalmente dubitativa” (REVERBEL, 1986). Apesar da falta de origens etimológicas quanto ao nome, isso não diminui a importância desse povo, ou melhor, contribui ainda mais para a sua figura exótica. A literatura gauchesca é alvo de muitos estudiosos e pesquisadores que almejam descobrir mais sobre as origens e histórias desse povo. Um desses estudiosos, Antônio Hohlfeldt (2006, p. 21), diz que:

Para o pesquisador interessado em estudar a história e a presença do gaúcho, chama a atenção, desde logo, o fato de que a bibliografia disponível, seja ela argentina, uruguaia ou brasileira, termina por ser essencialmente a mesma. Ainda que alguns autores advoguem por vezes perspectivas que pretendam encontrar diferenças naquele tipo social, confluem os estudos naquilo que é essencial.

Os gaúchos surgiram inicialmente na região pampiana do Rio da Prata, que faz divisa com três países: Argentina, Uruguai e Brasil no estado do Rio Grande do Sul. No entanto, o gaúcho não faz distinção entre esses territórios. Pelo contrário, os tem e encara com muita devoção. Quem vive no pampa possui outra forma de perceber esse lugar tão extenso que, pela vastidão que desconstrói a ideia de limite, permite que os sujeitos se encontrem, convivam e dialoguem de maneira harmoniosa. Sua origem é uma mistura étnica entre portugueses, espanhóis e índios. Reverbel (1986, p. 112) diz que, ao que se sabe:

A bibliografia platina sobre o gaúcho é muito maior do que a rio-grandense [...] ambos os tipos, tanto o gaúcho platino quanto o gaúcho rio-grandense, incorporaram à sua linguagem elementos indígenas e, em menor escala, negros, mesclando-os ao português e ao espanhol.

Foi em meio a um contexto conturbado da história, que o gaúcho “nasceu” e talvez por isso, que sua figura não passe por despercebida. Por muito tempo o *gaúcho* foi visto de forma pejorativa, sinônimo para vagabundos, bárbaros e até mesmo ladrões, alguém que não tinha apego e nem apreço as coisas da vida. Com o passar dos anos o gaúcho perdeu seu sentido pejorativo e passou a ser visto com bons olhos e tornou-se o peão da estância, o monarca das coxilhas, o *peleador* bravo e corajoso que defenderia as

terras do pampa, dono de um coração valente e livre. Antônio Hohlfeldt (2006, p. 34) diz que:

O monarca das coxilhas é referência direta ao fato de que, ainda no decorrer do século XIX, seria impossível imaginar-se um gaúcho sem seu cavalo, isto significando o animal e mais todos os apetrechos necessários para montá-lo e utilizá-lo nas lidas campeiras. O gaúcho, assim, montado no animal, transforma-se em autoridade e, do alto do cavalo, é como um monarca, cavalgando nas coxilhas, que conhece como a palma das mãos.

Sendo assim, se houveram mudanças nos conceitos que se tinha sobre ele, houveram também mudanças no comportamento do homem. Nesse sentido, quando deixaram de serem entendidos como “bárbaros”, puderam mostrar ao mundo quem realmente eram e, conseqüentemente, mostrar sua cultura. Entendemos que:

La cultura se manifiesta en el lenguaje, en el pensamiento y en la manera en la que los seres humanos deben comportarse en situaciones sociales concretas. De este modo la gente va adaptándose a la conducta común y, en ocasiones, a las actitudes expresivas. (LOBATO, 1999 *apud* LIMA, 2010, p.9).<sup>3</sup>

É importante deixar claro que essa visão da fronteira e do pampa, presente nos poemas, só é possível se pensada com um olhar de agora, com um olhar contemporâneo. Trata-se de outro modo de ver e pensar o pampa, completamente diferente da época em que as lutas e disputas sangrentas aconteciam.

O gaúcho passou a ser (re)conhecido pelo cavalo e a faca – herança dos portugueses - pela indumentária e o mate – herança dos índios, e pela lida no campo – herança platina. A partir disso, a imagem do *mito do gaúcho* começa a se formar. Reforçar a presença da mitologia gaúcha significa reforçar a existência da cultura local e estimular o imaginário coletivo:

[...] a identidade, hoje, em tempos e mundos altamente fragmentados e, por que não, (des)conectados, é mais que um objeto de estudo; é, antes, uma necessidade de sobrevivência sociocultural e histórica. Com a existência do multiculturalismo<sup>4</sup>, saber nosso espaço no mundo tornou-se não só difícil e complexo, mas também indispensável (BOSAK, 2006, p. 47).

O conceito de identidade é formado entre indivíduo e sociedade, que pode sofrer mutações com o passar do tempo – o que muitas vezes, acontece de maneira inconsciente.

---

<sup>3</sup> “A cultura se manifesta na linguagem, no pensamento e na maneira como o ser humano deve se comportar em situações sociais específicas. Dessa forma, as pessoas se adaptam a comportamentos comuns e, às vezes, a atitudes expressivas.” (LOBATO, 1999 *apud* LIMA, 2010, p.9, tradução nossa).

<sup>4</sup> O multiculturalismo pode ser entendido como um conceito em que tradições, valores, práticas, relações e identidades culturais se manifestam dentro de uma mesma comunidade.

Esse processo de formação identitária acontece com a identificação reconhecida pelos outros, nesse caso, a sociedade e a identificação própria do indivíduo:

A formação da identidade passa por uma gama de sentimentos e decisões racionais e irracionais na escolha dos investimentos pessoais que o sujeito faz para sua identificação. A subjetividade sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. É ela que permite explicar o motivo de um sujeito se apegar a uma identidade peculiar. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade. A subjetividade inclui as dimensões inconscientes do eu, o que implica a existência de contradições. (WOODWARD, p.55)

Sendo assim, é possível que o indivíduo que se estuda nesse artigo, o *gaucho*, tenha passado por transformações em sua formação identitária até chegar ao gaúcho rio-grandense visto que, a sociedade e os indivíduos, apesar de compartilharem a mesma história e origem, sofreram modificações com o passar do tempo.

## 2. A LITERATURA GAUCHESCA

O ser humano foi capaz, através da literatura, de encontrar-se, construir-se e descobrir-se, desvendar os outros e de conhecer melhor o mundo que o cerca. A utilização da literatura como fonte histórica pode ser muito importante para compreender diversos aspectos da sociedade, com a literatura gauchesca não seria diferente. Durante o século XIX, a Argentina passava por embates políticos que foram narrados e retratados na literatura. Na região dos pampas do Rio da Prata o cenário era de guerra, cidades desapareceram, ficando apenas na memória dos viajantes que por ali passaram. Díaz Usandivaras (1939, p. 5) diz que “*el gaucho ha sido una de las más tangibles realidades de nuestro país...fue el primer colonizador en la época en que se araban los campos con arados de palo...fue de los primeros soldados que contribuyeron a la libertad y la independencia*”<sup>5</sup>

Aos poucos o pampa voltou a ganhar vida, cidades renasceram e foram reabastecidas com rebanhos de gado e cavalos, logo expedições em busca de couro e carne, começaram a florescer, os homens responsáveis por essas tarefas, que arriscavam-se entre fazendas e a

---

<sup>5</sup> “O gaúcho tem sido uma das realidades mais tangíveis do nosso país, foi o primeiro colonizador na época em que os campos eram arados com arados de madeira, foi um dos primeiros soldados que contribuíram para a liberdade e a independência.” (USANDIVARAS, 1939, p. 5. tradução nossa).

vida nômade e aventureira ainda eram desconhecidos. Barcia (2001, p. 2) diz que “*el gaucho carecía aún de nombre, pero empezaba a gestarse su figura*”<sup>6</sup>.

Prieto (2003) considera a literatura gauchesca como sendo a autobiografia da própria história argentina. Em busca de uma maneira de unificar o país e acalmar a população, os políticos viram no gênero gauchesco, inicialmente citado por Bartolomé José Hidalgo<sup>7</sup>, a resposta pela qual procuravam, uma solução que atingiria as diversas classes sociais, isso porque a literatura gauchesca foi criada por homens da cidade que escreviam histórias sobre a vida dos homens do pampa, por esse motivo, a literatura gauchesca carece de escritores populares. Chavéz (1962, p. 9) considera Hidalgo o “*creador del género gauchi-político*”<sup>8</sup>. Em seus poemas Hidalgo (1822) considera o *gaucho* não apenas como um argentino a mais, mas sim um autêntico argentino, isto é, o símbolo genuíno de uma nação (SHUMWAY, 2005). Em seus primeiros poemas Hidalgo já apresenta relações entre o *gaucho*, a guitarra e o canto, como constatamos nos versos de sua obra intitulada de *Cielitos*: “*Los del Río de la Plata / cantan con aclamación su libertad recobrada / a esfuerzos de su valor / Cielito cielo cantemos, / cielo de la amada Patria, / que con sus hijos celebra / su libertad suspirada*”<sup>9</sup> e em “*el cielito de la Patria / hemos de cantar paisanos, / porque cantando el cielito / se inflama nuestro entusiasmo*”<sup>10</sup> (HIDALGO, 1967, p. 64)

A literatura gauchesca foi por muito tempo, ignorada pelos escritores da “prestigiada” literatura, pois para eles era impossível conceber um espaço para a gauchesca dentro de um círculo literário mais elitizado (BORELLO, 1997). Ao analisar a construção da literatura gauchesca Barcia (2001) explica que se trata de “*una creación, no del pueblo, sino para el pueblo, surgida, no en la campaña, sino en la ciudad*”<sup>11</sup>. Com o desdobramento dessa literatura, o personagem *gaucho* ganhou voz e se tornou objeto de

---

<sup>6</sup> “O gaúcho ainda não tinha nome, mas sua figura começava a tomar forma.” (BARCIA, 2001, p. 2, tradução nossa).

<sup>7</sup>Bartolomé José Hidalgo nasceu em 1788 na cidade de Montevidéu, capital do Uruguai. É considerado o primeiro poeta do Río de la Plata por ser o criador da poesia gaúcha em forma literária. Entre suas obras mais conhecidas estão *Cielitos* e *Diálogos*. O autor faleceu em 1822.

<sup>8</sup> “Criador do gênero gaucho-político.” (CHÁVEZ, 1962, p. 9, tradução nossa).

<sup>9</sup> Os do Río daPlata / cantam com aplausos sua liberdade recuperada/ o esplendor de sua coragem / Cielito céu, cantemos, / Paraíso da pátria amada, / que festeja com seus filhos / e suspirou sua libertação.

<sup>10</sup>Tradução da autora Ao céu da Pátria / temos que cantar conterrâneos, / porque cantar ao céu / o nosso entusiasmo inflama-se.” (HIDALGO, 1967, p. 64, tradução nossa).

<sup>11</sup>“Uma criação, não do povo, mas para o povo, surgida, não na campanha, mas na cidade.” (BARCIA, 2001, p. 02, tradução nossa).

conexão e reconhecimento para o povo argentino. Não demorou para que estudiosos buscassem mais informações sobre *los gaúchos*, Casas (2016, p.2) afirma que:

La entronización del gaucho como símbolo de la identidad nacional argentina ha ocupado la atención de historiadores, sociólogos y antropólogos en distintos períodos. La construcción del mito, la proliferación de su literatura, la utilización política de su figura, la funcionalidad para la industria cultural y las modalidades de asociacionismo que se gestaron en torno al universo gauchesco, se han constituido como objeto de estudio de numerosas investigaciones<sup>12</sup>.

O motivo de sua figura ser tão bem acolhida após a publicação de *Martín Fierro* ao ponto de se tornar símbolo de todo um país fez com que estudiosos indagassem a origem desses habitantes e da literatura gauchesca, que até então, não havia se destacado. A literatura gauchesca é a produção literária referente à cultura gaúcha que está localizada na região dos pampas que abrange três países: Brasil, Argentina e Uruguai.

Para completar o círculo de autores da literatura gauchesca, consideramos importante falar também sobre o autor uruguaio Hilário Ascassubi<sup>13</sup> (1807 – 1875), autor de significativas obras da literatura gauchesca que retratava o *gaucho* em embates políticos – contra o governo de Rosas – e em sua vida no pampa. Ascassubi publicou algumas obras sob o pseudônimo de *un gaucho cordobés*. Foi um dos primeiros discípulos de Bartolomé José Hidalgo, precursor do gênero. Outro poeta importante para o desenvolvimento da gauchesca foi Estanislao del Campo (1834 – 1880) poeta argentino que ficou conhecido por seu poema satírico *Fausto* (1866) onde descrevia as impressões de um *gaucho* ao assistir a uma ópera. Apesar das significativas contribuições que os escritores anteriores a Hernández representam para a literatura gauchesca, foi somente após *Martín Fierro* que o gênero ganhou destaque.

No Brasil, precursor à Jayme Caetano Braun temos o autor João Lopes Simões Neto (1865 -1916) que é considerado um dos mais importantes estudiosos da literatura gauchesca rio-grandense. Autor das conhecidas obras “Contos Gauchescos e Lendas do

---

<sup>12</sup> “A entronização do gaúcho como símbolo da identidade nacional argentina tem ocupado a atenção de historiadores, sociólogos e antropólogos em diferentes períodos. A construção do mito, a proliferação de sua literatura, o uso político de sua figura, a funcionalidade para a indústria cultural e as modalidades de associacionismo que se gestaram em torno do universo gaúcho, tornaram-se objeto de estudo de inúmeras investigações.” (CASAS, 2016, p.2, tradução nossa).

<sup>13</sup> Autor e político uruguaio, discípulo de Bartolomé Hidalgo. Autor das obras *Aniceto el Gallo : gacetero prosista y gauchi-poeta argentino* (1853), *Santos Vega: ó Los mellizos de la Flor* (1851) e *El gaucho Jacinto Cielo* (1843).

Sul” (1965) o autor só foi reconhecido por seus significativos estudos e contribuições após sua morte. Simões Neto foi inspiração para alguns dos poemas de Jayme Caetano Braun.

### 3. A POESÍA LÍRICA

O gênero lírico surgiu em um momento que a poesia era apresentada de maneira oralizada, como em forma de um canto, acompanhada de instrumentos musicais – como a lira - na Grécia Antiga. Essa forma de apresentação seguiu até o final da idade média, quando o gênero lírico passou para registros escritos, o que proporcionou uma maior liberdade de composição aos poetas – como o uso de rimas, métricas e vocabulários. Apesar dessas características marcantes, o principal traço do gênero lírico é a subjetividade. Devido a essa característica de subjetividade, a voz expressa no poema ganha o nome de *eu lírico* – que não necessariamente corresponde à voz do poeta original, isso porque o gênero pode materializar um eu lírico diferente – capaz de expressar personalidades distintas daquela do *eu biográfico*.

Segundo a teoria dos gêneros, uma das maneiras de distinguir a poesia lírica das outras duas formas de poesia é através do modo como o poeta se apresenta no poema: o gênero lírico seria o poema de primeira pessoa ou de primeira voz, o gênero épico seria quando existe um narrador, uma voz épica conta que alguma coisa para alguém; o gênero dramático incluiria todas as peças teatrais em versos, quando as personagens é que falam e não o poeta. (CARA, 1985, p. 12)

Tanto a obra de Hernández quanto a obra de Braun possuem a estrutura de poemas líricos e abordam temáticas semelhantes para compor e fixar a imagem do *eu lírico*, o gaúcho. Primeiramente, como sabemos os primeiros registros de literatura gauchesca não foram escritos por gaúchos, homens do campo e da lida, mas sim, por senhores cultos da cidade que escreviam sobre esses homens – e que por muitas vezes, se passavam por ele; secundamente, na poesia o *eu lírico* pode adotar concepções diferentes daquela do autor. Dessa maneira, fortifica-se a ideia de que pouca – ou nenhuma – das obras esteja diretamente ligada com a realidade desses povos do pampa, o que nos leva a ter um *gaúcho* como produto literário feito de projeções reais e imaginárias criadas por seus autores, deslocados do meio original. Na concepção de Freire (1748), a poesia tem um cunho moral e uma função social: estabelecer e afirmar paradigmas.

Segundo Italo Moriconi (2002, p. 25), “a poesia foi sequestrada pela música”. O autor diz também que “em nenhum outro país do mundo a canção popular atingiu um *status* tão intelectual quanto no Brasil” (p.11).

[...] foi como se a letra de música tivesse roubado o lugar cultural do poema literário [...] se por um lado a letra de música roubara temporariamente a cena do poema literário, por outro, agrega-la ao patrimônio da literatura não deixava de representar um enriquecimento da cultura ilustrada ou erudita. (MORICONI, 2002, p. 13)

Essa ligação da poesia e da música é muito presente quando falamos de literatura gauchesca e músicas nativistas, em especial. Na obra *Martín Fierro* encontramos, do início ao fim, fragmentos que comprovam a relação e a importância da música para o gaúcho, como por exemplo: “*Cantando me he de morir / cantando me han de enterrar / y cantando he de llegar / al pie del Eterno Padre; / dende el vientre de mi madre / vine a este mundo a cantar*”<sup>14</sup>(HERNANDEZ, 2013, p. 22). Os poemas de Jayme Caetano Braun, por sua vez, são um exemplo de poesias que foram “sequestradas” pela música, visto que, a maioria de seus poemas foram musicados posteriormente e hoje se fazem presentes nos festivais de música nativista Rio Grande a fora. Jorge Luis Borges comenta sobre esta relação que existe entre a música e poesia dizendo que:

El lenguaje común basta para las ocasiones comunes, pero cuando se trata de algo esencial; cuando alguien tiene que decir que está enamorado o cuando quiere declarar su gratitud y su maravilla por la milagrosa circunstancia de que Dios haya resuelto alguna vez nacer como un hombre y morir en la cruz como un culpable, entonces debe recurrir a la música o a esa otra música menor, que es el verso <sup>15</sup>(BORGES, 2007, p.49).

O gênero musical nativista, por enfatizar as histórias presentes em suas canções, é o que mais se aproxima da literatura enquanto manifestação literária popular, assim como constatamos em um dos poemas de Braun, Século e meio depois: “e somente me chamavam / se o perigo aparecia / sempre fui tratado assim / ao longo de tantos anos / pra pelear com castelhanos / gêmeos do mesmo confim / carnes pro mesmo festim / da cobiça e da ganância / que uma mesma circunstância / tornou – na plaina história, / feitores da mesma glória, / sem destino, nem infância...”.

Quanto às discussões que associam a música e poesia, o autor Italo Moriconi (2002, p. 14) diz que “canção é para ser cantada. Poema é para ser lido em silêncio ou

---

<sup>14</sup>“*Cantando eu hei de morrer / cantando eles têm que me enterrar / e cantando eu tenho que chegar / aos pés do Pai Eterno; / desde o ventre da minha mãe / vim a este mundo para cantar.*” (HERNANDEZ, 2013, p. 22, tradução nossa).

<sup>15</sup> “A linguagem comum é suficiente para ocasiões comuns, mas quando se trata de algo essencial; quando alguém tem que dizer que está apaixonado ou quando deseja declarar sua gratidão e sua admiração pela circunstância milagrosa de que Deus já resolveu nascer como um homem e morrer na cruz como um homem culpado, então ele deve se voltar à música ou aquela outra música menor, que é o verso.” (BORGES, 2007, p.49, tradução nossa).

falado em voz alta”. Para Moriconi a verdadeira literatura é aquela que está nos livros, escrita e registrada, mas continua dizendo que, “porém, todo poema pode receber melodia e virar canção” (p. 14) como é o caso dos poemas musicados de Braun.

Devemos ter claro o fato de que na literatura rio-grandense, durante muito tempo, houve certa “compulsão nomeadora”, como apresenta Assis Brasil (2004), em que os escritores sentiam a necessidade de retratar tudo o que dizia respeito aos homens do campo, às suas lides, seus costumes e tradições, com o intuito de mostrá-lo, nomeando a si mesmo e ao seu lugar para, finalmente, fixar sua identidade. A partir disso, podemos começar a pensar: quem é o gaúcho sobre o qual falamos em nossa pesquisa?

#### **4. MARTIN FIERRO DE JOSÉ HERNÁNDEZ**

José Hernández (1834-1886) foi poeta, político e jornalista em Buenos Aires, capital Argentina. Quando criança aproximou-se do pampa e conheceu de perto os costumes e linguajar *gaucho*. Quando adulto, participou de rebeliões e tornou-se político, entretanto, foi através da literatura que realizou seu maior feito. Hernández escreveu *El gaucho Martín Fierro* (1872) e *La vuelta de Martín Fierro* (1879) que juntos consagraram o gênero gauchesco tornando-se a principal obra da literatura argentina. Para Barcia (2001, p. 5): “*la importancia de esta obra reside en haber convertido a un personaje marginal de la sociedad argentina del momento en un representante principal de un pretendido canon argentino*”<sup>16</sup>.

O *gaucho* adquiriu, com o passar do tempo, características marcantes que formaram seu estereótipo, com isso, quando pensamos no *gaucho* imaginamos um ser valente, bravo, livre e orgulhoso, seguido da imagem do cavalo, do chimarrão, da faca, da pilcha e do violão.

Ao longo da obra de José Hernández encontramos diversos fragmentos que relatam a relação do *gaucho* com a música e o violão, caracterizando *el gaucho cantor*, como o descreve Domingo Faustino Sarmiento em seu livro *Facundo* (1845):

El gaucho cantor es el mismo bardo, el vate, el trovador de la edad-media, que se mueve en la misma escena, entre las luchas de las ciudades i del feudalismo de

---

<sup>16</sup> “A importância deste trabalho está em ter transformado um personagem marginal na sociedade argentina do momento em um representante principal de um suposto cânone argentino.” (BARCIA, 2001, p. 5, tradução nossa).

los campos, entre la vida que se va i la vida que se acerca. El cantor anda de pago en pago, "de tapera en galpón", cantando sus héroes de la Pampa.<sup>17</sup> (SARMIENTO, 2018, p. 54)

No início da obra, Hernández apresenta aos leitores sobre como se dará essa história, um homem solitário, que usa das suas canções para contar sobre sua vida e suas dores, sempre acompanhado de seu violão: "*Aqui me pongo a cantar / al compás de la viguela / que el hombre que lo desvela / una pena extraordinaria, / como la ave solitaria / con el cantar se consuela*<sup>18</sup>" (HERNÁNDEZ, 2013, p. 21). No verso seguinte *el gaucho* nos conta que será através da música que irá nos contar a sua história nesse livro: "*Pido a los santos del cielo / que ayuden mi pensamiento / les pido em este momento / que voy a cantar mi historia / me refresquen la memoria / y aclaren mi entendimiento*<sup>19</sup>" (HERNÁNDEZ, 2013, p. 21). Podemos perceber que a relação do *gaucho* com a música é muito forte e em vários momentos durante a obra essa relação é reafirmada, como em: "*cantando me he de morir / cantando me han de enterrar / y cantando he de llegar / al pie del eterno Padre / desde el vientre de mi madre / vine a este mundo a cantar*<sup>20</sup>" (HERNÁNDEZ, 2013, p. 22).

Somente mais tarde, ao desenvolver da obra, que a figura do gaúcho se transformará no homem forte e valente, estereótipo do homem gaúcho, acompanhado sempre dos elementos que o caracterizam.

Uma das características mais marcantes dos *gauchos* é a bravura, Martin Fierro deixa claro isso já nos primeiros versos do livro: "*Mas ande otro criollo pasa / Martin Fierro ha de pasar / nada le hace recular / ni los fantasmas lo espantan / y desde que todos cantan / yo también quiero cantar*<sup>21</sup>" (HERNÁNDEZ, 2013, p. 22). E se sozinho percebemos que o *gaucho* já é valente, quando acompanhado de seu violão, essa valentia e

---

<sup>17</sup>“O cantor gaúcho é o mesmo bardo, o vate, o trovador da Idade Média, que se move na mesma cena, entre as lutas das cidades e a vida que se aproxima. O cantor vai de pagamento em pagamento, de tapera em galpão cantando seus heróis pampianos.” (SARMIENTO, 2018, p. 54, tradução nossa).

<sup>18</sup>“Aqui começo a cantar / ao ritmo da guitarra / que o homem que a revela / uma dor extraordinária, / como o pássaro solitário / com o canto consola-se.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 21, tradução nossa).

<sup>19</sup>“Peço aos santos do céu / que me ajudem a pensar / peço-lhes agora mesmo / que irei cantar minha história / refrescar minha memória / e esclarecer meu entendimento.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 21, tradução nossa).

<sup>20</sup>“Cantando eu hei de morrer / cantando têm que me enterrar / e cantando tenho que chegar / aos pés do Pai eterno / desde o ventre de minha mãe / vim a este mundo para cantar.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 22, tradução nossa).

<sup>21</sup>“Mas onde passa outro crioulo / Martin Fierro tem que passar / nada o faz recuar / nem os fantasmas o assustam / e como todo mundo canta / eu também quero cantar.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 22, tradução nossa).

bravura fica ainda maior. A relação que o *gaucho* construiu com a música e seu violão é uma característica marcante que se faz presente em diversos momentos da obra. Nesse trecho percebemos como a presença e a relação com violão é importante para a construção do personagem e do enredo: “*Yo soy toro en mi rodeo / y torazo en rodeo ajeno / siempre me tuve por güeno / y si me quieren probar / salgan otros a cantar / y veremos quién es menos*”<sup>22</sup> (HERNÁNDEZ, 2013, p. 23). Também em outra estrofe encontramos mais provas de sua coragem: “*No me vengan, conteste / com relación de disjuntos / esos son otros asuntos / vean si me pueden llevar / que yo no me he de entregar / aunque vengan todos juntos*”<sup>23</sup> (HERNÁNDEZ, 2013, p. 66).

Outra característica que faz parte da essência do *gaucho* é a liberdade, o desejo de ser livre. No início da colonização da América Latina não havia limites geográficos estabelecidos, não havia cercas de arames e nem fronteiras, havia somente o pampa como um só. Desse modo o *gaucho* era livre para andar por onde quisesse, de norte a sul, de leste a oeste, o *gaucho* seguia apenas o seu instinto. Em *Martín Fierro* esse desejo está explícito: “*Mi gloria es vivir tan libre / como él pajaro del cielo / no hago nido en este suelo / ande hay tanto que sufrir / y naides me ha de seguir / cuando yo remuento el vuelo*”<sup>24</sup> (HERNÁNDEZ, 2013, p. 23). O *gaucho* como habitante das terras do pampa está sempre ressaltando a beleza, a imensidão e o sentimento que esse lugar lhe proporciona: “*Soy gaucho y entiéndanlo / como mi lengua lo explica / para mí la tierra es chica / y pudiera ser mayor / ni la víbora me pica / ni quema mi frente el sol*”<sup>25</sup> (HERNÁNDEZ, 2013, p. 23).

Por fim, não podemos falar do caráter *gaucho* sem falar da sua maior marca, o orgulho em ser *gaucho*. Seu jeito de viver, suas aventuras e andanças são motivos de orgulho para esses habitantes do pampa, essa característica é fundamental e está sempre clara na literatura gauchesca: “*¡Ah, tiempos!, si era un orgullo / ver jinetear un paysano /*

---

<sup>22</sup> “Eu sou um touro no meu rodeio / e um grande touro no rodeio alheio / Sempre me considereei um *güeno* / e se quiserem me experimentar / outros saiam para cantar / e vamos ver quem é menos.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 23, tradução nossa).

<sup>23</sup> “Não venha até mim, responda / com uma relação de disjunta / esses são outros assuntos / veja se você pode me levar / que eu não tenho que me dar / mesmo que venham todos juntos.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 66, tradução nossa).

<sup>24</sup> “Minha glória é viver tão livre / como o pássaro no céu / Eu não faço ninho neste chão / há muito o que sofrer / e ninguém precisa me seguir / quando eu me lembro do vôo.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 23, tradução nossa).

<sup>25</sup> “Eu sou gaúcho e entenda / como minha língua explica / para mim a terra é pequena / e eu poderia ser mais velha / nem a víbora me morde / nem o sol queima minha testa.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 23, tradução nossa).

*cuando era gaucho vaquiano / aunque el potro se boliase / no había uno que no parase / con el cabresto en la mano*<sup>26</sup>” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 26).

O poema de Hernández é repleto de fragmentos que reforçam essas características internas e externas do estereótipo *gaucho*. Através da leitura da obra, fica mais fácil entender o porquê da obra ter se tornado um símbolo tão grande e importante para a comunidade argentina, isso porque, no ato de cantar já não é mais apenas *el gaucho*, o narrador, quem conta suas verdades, é como se a voz do cantor deixasse de ser individual e tornara-se a voz de todos os gaúchos que compartilham dos mesmos sentimentos que ele, assim como percebemos no trecho: “*por ser ciertas las conté, / todas las desgracias dichas: / es un telar de desdichas / cada gaucho que usted ve*”<sup>27</sup> (HERNÁNDEZ, 2013, p. 88).

Ao analisar esses elementos presentes na obra de Hernández pode-se estabelecer uma relação de proximidade com as informações de Sarmiento quando escreve sobre *el gaucho cantor*:

El cantor no tiene residencia fija: su morada está donde la noche le sorprende: su fortuna en sus versos i en su voz. Donde quiera que el cielito enreda sus parejas sin tasa, donde quiera que se apura una copa de vino, el cantor tiene su lugar preferente, su parte escojida en el festin [...] El cantor mezcla entre sus cantos heróicos la relacion de sus propias hazañas<sup>28</sup>. (SARMIENTO, 2018, p. 54)

O canto de Martín Fierro na obra de Hernández é a concretização dos conceitos sobre *el gaucho cantor* que Sarmiento apresenta em sua obra *Facundo: civilización y barbarie* (1845). Um homem forte, corajoso e peleador que esteve presente nas guerras e que levava seu canto e sua guitarra pelos campos, contando e cantando as histórias de seus heróis; um homem solitário, sem família, sem filhos, sem casa, vítima do destino que lhe foi imposto. O teto sobre sua cabeça ao fim da noite eram as estrelas, a guitarra era sua confidente que estava sempre presente em todas as andanças deste *gaucho*.

---

<sup>26</sup>“Ah, tempos, se era orgulho / ver um camponês cavalgar / quando ele era gaúcho de vaquiano / mesmo que o potro fosse boliasse / não tinha um que não parava / com o guincho na mão.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 26, tradução nossa).

<sup>27</sup>“Por ser verdade contei-os, / todos os infortúnios disseram: / é um tear de infortúnios / todo gaúcho que vê.” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 88, tradução nossa).

<sup>28</sup>“O cantor não tem residência fixa: sua casa é onde a noite o surpreende: sua fortuna em seus versos e em sua voz. Onde quer que o céu emaranhe seus parceiros gratuitamente, onde uma taça de vinho seja servida, o cantor tem seu lugar preferido, sua parte escolhida na festa [...] O cantor mistura entre suas canções heroicas à relação de suas próprias façanhas.” (SARMIENTO, 2018, p. 54, tradução nossa).

## 5. BRASIL GRANDE DO SUL DE JAYME CAETANO BRAUN

Jayme Caetano Braun (1924-1999) foi poeta, radialista e *payador* como gostava de ser chamado. Nasceu e morreu no estado gaúcho do Rio Grande do Sul, autor de inúmeros clássicos da poesia gauchesca, tornou-se referência do gênero no Brasil e foi fundador da *Academia Nativista Estancia da Poesia Crioula* que reuniu diversos poetas gaúchos no final da década de 50. Entre suas obras mais conhecidas estão *De fogão em fogão* (1958), *Potreiro de guachos* (1965) e *Paisagens Perdidas* (1966), em 1990, lançou sua última obra denominada de *50 anos de Poesia* em homenagem a sua trajetória. Devido a suas significativas contribuições para a literatura gauchesca e o movimento tradicionalista, Braun é homenageado até os dias de hoje, com diversos Centros de Tradições Gaúchas que levam seu nome. Após sua morte, em 1999, ganhou o título de patrono do Movimento Pajadoril no Brasil.

Em seus poemas Braun sempre ressaltou o estado rio-grandense em que viveu, assim como a vida campeira, os modos e costumes gaúchos, o pampa e suas paixões – entre elas, a música e o violão. No poema que compôs “*Milonga de três banderas*” Braun aborda essa relação: *A tu conjuro peliaran, / vieja milonga machaza/ los centauros de mi raza / que al más allá se marcharan / y las hembras te besaran / con cariño y con amor / cuando en la guitarra flor, / enriedada en el cordeje, / fuiste un / llamado salvaje /al corazón del cantor!*<sup>29</sup>”.

Em *Brasil Grande do Sul: payadas de campo e céu* (1986), não foi diferente, o livro que reúne vinte poemas do *payador* está repleto de características que fazem parte da construção identitária do gaúcho. Assim como foi feito na obra de *Martin Fierro de José Hernández*, selecionamos fragmentos da obra para analisar e compreender traços desse personagem. Como sabemos, o gaúcho perdeu seu estereótipo de “vagabundo” e “ladrão” foi somente muitos anos depois, quando virou *peleador* e demonstrou a todos sua bravura e seu amor por estas terras.

Em um período de grandes guerras, revoluções e embates políticos e sociais, o gaúcho conquistou um papel essencial junto à sociedade pampiana já que lutava para defender suas terras a qualquer preço: “gaúchos sem preconceitos / mais livres que os próprios ventos / com pátria nos pensamentos / e liberdade nos peitos.” (BRAUN, 1986, p.

---

<sup>29</sup> “Ao teu feitiço lutarão, / velha milonga machaza / os centauros da minha raça / que para o outro irão / e as mulheres te beijarão / com carinho e com amor / quando no violão de flores, / enroscados no cordão, / você foi uma / chamada selvagem / ao coração do cantor!” (BRAUN, 1986, p. 18, tradução nossa).

52). No primeiro poema do livro, “Século e meio depois”, encontramos uma das principais características que constitui o gaúcho, sua bravura: “E me transformo em gaudério / de lança e pé no estrivo / do garrão do hemisfério [...] e somente me chamavam / se o perigo aparecia” (BRAUN, 1986, p. 14). Na sequência do mesmo poema, encontramos mais fragmentos que comprovam sua bravura e valentia, demonstrando que o gaúcho estava sempre disposto a pelear e defender sua terra: “pelear tornara-se um hábito / da existência aventureira” e “que raça bárbara a nossa / vejo – sempre que examino / as origens do teatino / que o chimarrão não adoça, nem compreendo que alguém possa / analisando o gaudério” (BRAUN, 1986, p. 16 e 17). Ainda no mesmo poema encontramos outra característica marcante dos gaúchos que vai de encontro com seu estilo de vida, sua liberdade e seu despreendimento de fronteiras e regras “E foi dali que brotei / e foi dali que brotaram / os gaúchos que ficaram / sem lei – sem rumo nem rei, / sem dono – divisa ou lei / a não ser a da existência / da força e da sobrevivência / o sol o poncho e, no centro / cada qual trazendo dentro / a sua própria querência.” (BRAUN, 1986, p. 16).

Na sequência, nos poemas “Fronteiros” e “Gaúchos e marinheiros” novamente nos deparamos com a reafirmação da essência gaúcha sobre sua liberdade. A imensidão do pampa tornou o gaúcho valente para enfrentar as adversidades que se deparavam e, ao mesmo tempo, proporcionava a liberdade de andar pelas terras do pampa. Vem dessas andanças, a característica de ser “andarilho”, de não pertencer a um só lugar e não criar raízes: “crises – penares e ânsias / alegrias – sofrimentos / vão – no vai e vem dos ventos / espalhando ressonâncias / nas lavouras – nas estâncias / nas vilas e na cidade / porque o homem-liberdade / que vem dos tempos – do fundo / em qualquer parte do mundo / tem a mesma identidade” (BRAUN, 1986, p. 30) e “gaúchos sem preconceitos / mais livres que os próprios ventos / com pátria nos pensamentos / e liberdade nos peitos.” (BRAUN, 1986, p. 52). Com esses fragmentos podemos perceber que a liberdade e o pampa são essenciais para o homem gaúcho.

Devido suas andanças, o gaúcho carrega a sina de levar a saudade e a lembrança daquilo que ficou para trás, por onde quer que ande, característica essa que está sempre presente na literatura gauchesca e nas canções que compõe durante a suas aventuras. No poema “Primaveras” pode-se constatar isso em: “Quadro de todos os anos / a gente anseia revê-lo / até os guachos do sinuelo / parecem mais araganos / há fogo em nossos tutanos / na misteriosa mudança / é o tempo – em eterna dança / que nos empurra pra diante / e a saudade mais distante / volta a queimar na lembrança...” (BRAUN, 1986, p. 62).

Uma das características mais marcantes e presentes estão no *orgulho em ser gaúcho*. Povo valente, bravo, livre e apaixonado pela vida, o gaúcho se orgulha de suas origens e tradições. No poema “Origens” essa característica está clara em: “Se me perguntam – respondo, / [...] / sou gaúcho e não escondo / do meu orgulho de sê-lo / mistura de terra e pelo / misto de touro e de potro / que não podem fazer outro / porque extraviou-se o modelo”. Na sequência do poema também vemos com ênfase em: “Quem me chama de copiador / de gaúcho castelhano / esquece que sou pampiano, graças a Nosso Senhor / e a alma de payador / não se curva a nenhum dono / sempre fui meu próprio dono / no verso e no improviso / e por isso não preciso / de usar papel-carbono!” (BRAUN, 1986, p. 86 e 87).

Os poemas de Jayme Caetano Braun são repletos de elementos que remetem ao estereótipo gaúcho, sua personalidade – a bravura, a força, a garra -, seu jeito de viver – livre, viajante e *payador* -, sua relação com o pampa – sentimento de devoção - e a cultura gaúcha em seus costumes. Essas características vão se repetindo em cada um dos poemas como uma maneira de fixar no personagem e no leitor a construção histórica sobre a figura destes indivíduos.

Nos versos de Braun é possível perceber que o poeta faz referência a *los hermanos* da fronteira que compartilham com o gaúcho rio-grandense, a mesma origem: “Hoje as pátrias bem definidas / com ideias e bandeiras / seguem as almas campeiras / praticando as mesmas lidas / somente agora reunidas / na paz dos livres – que soma / pátrias gaúchas – com diplomas / da mesma universidade / paz – justiça e liberdade – que ninguém rouba nem toma” (BRAUN, 1986, p. 73). No poema “Charla de mateador” também encontramos referência à partilha de história com os *gauchos*: “repisando a trajetória / trago vivos na memória / os arrepios que sentia / quando ouvia e aprendia / os causos da nossa história.” (BRAUN, 1986, p. 104). Por fim, Braun inclui também nesse entrelaço de fronteiras, o Paraguai, país vizinho que, até certo ponto, compartilha de uma história semelhante a dos gaúchos e *gauchos*: “irmãos de quatro países / no mesmo grupo alinhados / da mesma forma explorados / na mais terrível das crises / riscados de cicatrizes / pelos eternos tiranos / os deuses americanos / que nos moldaram iguais / nos querem – frente aos demais / abraçados como *Hermanos*”. (BRAUN, 1986, p. 74).

Em seu poema *Milonga de três Banderas* que foi musicalizado por muitos cantores nativistas, Braun descreve a relação das três bandeiras – Brasil, Argentina e Uruguai:

“Milonga de tres colores / punteada en cuerdas de acero, / cuando el último jilguero / ensaya sus esteretores, / nosotros los payadores, / de la tradición campera, / saldremos a campo fuera, / por los ranchos y fogones, / tartamudeando oraciones / pa' que el gaucho no se muera / Pero él jamás murirá, / gaucho no puede morir, / es ajes y el porvenir, / lo que fué y lo vendrá, / la lanza y el chiripá / padran quedar nel repecho, / Pero - Liberdade e Derecho, / Dignidad y Gaucheria, / el Patriotismo y la Hombria / los guardamos en el pecho<sup>30</sup>”.

Braun nasceu e morreu no estado do Rio Grande do Sul, no entanto, durante suas andanças pela fronteira, conheceu *gauchos* rio-platenses que compartilham da mesma origem, assim como retratou nos versos acima.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização deste artigo foram muitas as reflexões sobre a identidade, os costumes e a cultura dos *gauchos* e gaúchos estudados e de como esses elementos estão inseridos na literatura gauchesca de fronteira, tanto brasileira, quanto platina. Embora a fronteira esteja ali para separar e colocar cada qual de um lado, o eixo central segue o gaúcho e é em torno desse eixo que as discussões e estudos foram realizados.

O *gaucho* se tornou símbolo de todo um povo, percorreu fronteiras, expandiu territórios e fez com que muitas pessoas que se identificavam com a imagem do gaúcho começassem a cultuar seus costumes e tradições. Por conta disso, que se faz necessário falar sobre a identidade cultural gaúcha.

Ao falar da identidade cultural gaúcha, fala-se também do mito do gaúcho que está presente no imaginário e que rodeia os estudos de identidade local nas mais diferentes instâncias. Na literatura gauchesca, a imagem do gaúcho aparece com possíveis alterações, o que nos leva a refletir sobre a construção dessa imagem. A simples possibilidade de idealizar a existência de gaúchos como Martin Fierro leva o leitor a transpor-se no tempo, na literatura e atingir o sentimento de liberdade que a obra tanto fala. Seja mito ou ficção, esses personagens marcantes, como Martin Fierro, faz com que os leitores desprendam-se

---

<sup>30</sup> “Milonga de três cores / pontilhada com cordas de aço, / quando o último pássaro / ensaia seus *esteretores*, / nós os payadores, / da tradição gaúcha, / sairemos aos campos, / pelos ranchos e fogueiras, / cantando orações / para que o gaúcho não morra / mas ele nunca morrerá, / gaúcho não pode morrer, / ele é o futuro, / o que foi e o que virá, / e a lança e o chiripá / ficarão na encosta, / mas a liberdade e direito, / dignidade e gaucheria, / patriotismo e bravura / guardamo-los no peito.” (BRAUN, 1986, p. 18, tradução nossa).

da realidade e viagem por um mundo de fantasias proporcionado graças à literatura. Porém, colocar em dúvida o mito, a existência ou não desses *gauchos* não é o objetivo deste estudo, porque independentemente do *gaucho* ser considerado um mito ou imaginário, a importância de estudá-lo é inquestionável.

Um dos motivos para a elaboração dessa pesquisa foi entender como as obras argentinas (*Martín Fierro*) e rio-grandenses (*Brasil Grande do Sul*) retratam a vida desses habitantes das terras do pampa e nesse ponto, pode-se constatar que, apesar das fronteiras geográficas, a figura do *gaucho* e do gaúcho se assemelham. Isso porque ambas retratam a vida do gaúcho cantor – como constatado através dos fragmentos das obras – tanto na obra precursora de Hidalgo, na descrição do *gaucho cantor* de Sarmiento, como nas obras de Hernández e Braun.

O gaúcho percorre o pago e a querência cultuando suas tradições e contando em suas canções sobre os mesmos elementos: a bravura que tem ao ser chamado para lutar, a solidão que carrega por ser “andarilho” do pampa, a liberdade que sente ao galopar e não possuir amarras, o pampa – sua terra amada - e o orgulho que carrega por ser gaúcho. Ao longo das histórias esses elementos são ressaltados com frequência, como uma maneira de fixar no personagem e no leitor esse estereótipo.

A leitura das obras para análise desse artigo foram escolhidas devido à importância histórico-cultural que possuem, sendo assim, são obras ideais para o estudo traçado. A obra de Hernández, *Martin Fierro*, apresenta seu enredo e seus personagens retratando o cenário argentino da época e, por isso, é considerado um dos expoentes da literatura argentina. *Brasil Grande do Sul*, apesar de ser uma literatura mais recente, se comparada a *Martin Fierro*, e rio-grandense, mantém a imagem do *gaucho* retratada nas obras rio-platenses e possui significativa importância para o acervo de obras da literatura gauchesca do “lado de cá” da fronteira.

A distância temporal e geográfica que existe entre as obras, *Martin Fierro* (1872-1879) e *Brasil Grande do Sul* (1986), parece demonstrar que, apesar das barreiras, a literatura gauchesca, assim como *gauchos* e gaúchos seguem interligados por suas raízes pampianas. Por fim, enfatiza-se o fato de que estudar tais obras desde o início de sua formação até as mais recentes, perpetua a herança gaúcha deixada por esses escritores e contribui com a preservação dessas tradições e culturas que engrandecem a nossa sociedade.

## REFERENCIAS

ALTAMIRANO, Carlos, SARLO, Beatriz. **Literatura y Sociedad**. Buenos Aires: Librería Edicial, 2001.

ASCASUBI Hilario. **Paulino Lucero o los gauchos del Río de la Plata cantando y combatiendo contra los tiranos de la República Argentina y Oriental del Uruguay** (1839 a 1851) París, Imprenta Paul Dupont, 1872.

ASSIS BRASIL, Luis Antonio de. **Entre a universalidade e o particular: a literatura ante as identidades regionais**. In: SCHÜLER, Fernando Luís; BORDINI, Maria da Glória (Orgs.). *Cultura e Identidade Regional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BARCIA, Pedro Luis. **Literatura gauchesca**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001.

BRAUN, Jayme Caetano. **Brasil Grande do Sul: Payada de campo e céu**. Porto Alegre: Sulina, 1986.

BOSAK, Joana. **O gaúcho: memória, identidade e literatura**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BORRELO, Rodolfo. *La originalidad de Martín Fierro*. In: Cuadernos Hispanoamericanos, n 437, 1997.

BORGES, Jorge Luis. **Textos recobrados**. Editora Eméce, Buenos Aires: 2012.

CARA, Salete de Almeida. **A poesia Lírica**. Série Princípios, São Paulo: 3 ed, 1985.

CASAS, Matias. **Las metamorfosis del gaucho. Círculos criollos, tradicionalistas y política en la provincia de Buenos Aires, 1930-1960**. Buenos Aires, Argentina: Prometeo, 2016.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Corsários e Vaqueanos**. In: Simões Lopes Neto. 2ª ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002

COROMINAS, Joan. **Breve diccionario Etimológico de la Lengua Castellana**. Madrid, Gredos, 1961.

DIAZ, Usandivaras, Julio. (agosto de 1939). **A propósito de un artículo sobre el gaucho**. *Nativa*, 16 (188), p. 5.

FREIRE, Francisco José. **Arte Poética, ou regras da verdadeira poesia**, 1748.

HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: Losada, 2013.

GARAVAGLIA, Juan Carlos. (1987). **¿Existieron los gauchos?**. Anuario IEHS, 2, 42-52.

HOHLFELDT, Antônio. **O gaúcho: tipo social de tríplice representação**. In: CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena (Orgs.). **Cone sul: fluxos, representações e percepções**. São Paulo: Huiceteec, 2006. p. 1-71.

LIMA, Júlio de Albuquerque. **Literatura, folclore e linguística da área gauchesca no Brasil**. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco F., 1962.

LOBATO, Jesús Sánchez. Lengua y cultura. La tradición cultural hispánica. Carabela n.45 – **Lengua y cultura en el aula de español como lengua extranjera**. Madrid: SGEL, p. 5-26, 1999. In: LIMA, Paula Renata Almeida. **Discussões e propostas interculturais para as aulas de Espanhol como Língua Estrangeira através da análise de filmes**. Goiânia: UFGO, 2010.

MORICONI, Italo. **Como e porque ler a Poesia Brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Prosa de ficção**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957

PRIETO, Adolfo. **La literatura autobiográfica argentina**. Buenos Aires: Eudeba, 2003.

REVERBEL, Carlos. **O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande do Sul e no Rio da Prata**. Editora L&MP Pocket, 1998.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: civilización y barbárie**. Domingo Faustino Sarmiento ; incluye prólogo de Alejandra Laera. – Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2018.

SANTOS, Andrio, dos. **Poesia lírica: problemas concernentes à definição de gênero à subjetividade**. UFM, Littera Online, n. 13, 2017.

SHUMWAY, Nicolas Aira. **La invención de la Argentina. Historia de una idea.** 6 ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.

WOODWARD, Katrin. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

**RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA:** El presente trabajo, cuyo objetivo es analizar y comprender la formación identitaria de dos gaúchos y gauchos presentes en algunos textos de poesía gaucha de la región pampeana. Para apoyar la investigación se analizarán obras de la literatura argentina y brasileña, priorizando *Martín Fierro* de José Hernández y *Brasil Grande do Sul* de Jayme Caetano Braun. O *Martín Fierro*, considerado un poema nacional por dos argentinos, se compone de dos partes, denominadas *La ida* (1872) y *La vuelta* (1879) y su protagonista se entiende como modelo de Argentina y símbolo de la identidad nacional del país. *Brasil Grande do Sul* (1986) es un libro de Jayme Caetano Braun, uno de los dos poetas más influyentes de Rio Grande do Sul, y trata sobre un viaje por las tierras de la pampa, una verdadera declaración de afecto por el estado de Rio. Grande do Sul y un payador vivo. Trabajos críticos de relevancia para la investigación, destacando los estudios de Carlos Reverbel (1986) y Pedro Luís Barcia (2001). Se realizará un análisis de dos textos en una perspectiva histórico-literaria, se entiende que ambos ámbitos, dada la ficción y la investigación, pueden ayudar a interpretar los elementos y los procesos que constituyen la identidad de dos habitantes de los pampas, entendidas como una región que cubre grandes territorios en Brasil, Argentina y Uruguay. Finalmente, se pretende observar, a través del análisis de las obras, que las figuras del gaúcho y del gaucho tienen un patrón constructivo similar y un resultado aproximado, independientemente de los límites geográficos que los separan.

**KEYWORDS:** Gaucho; Pampa; Literatura gaucha; Identidad.